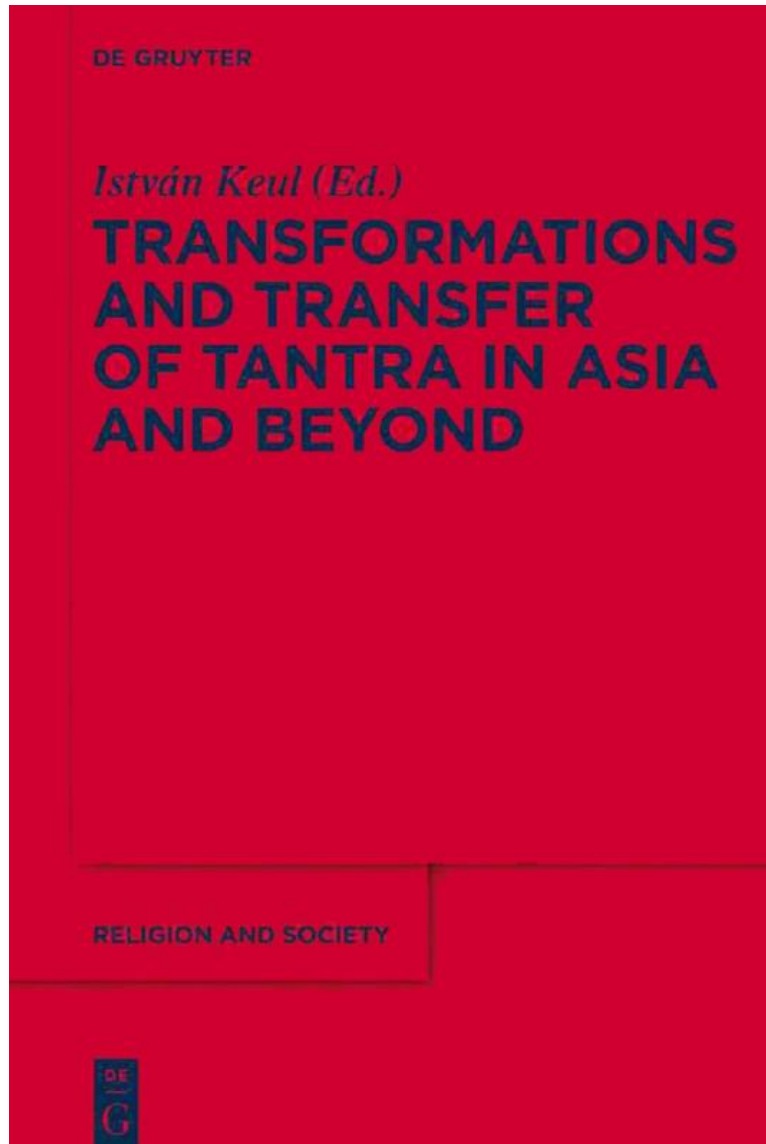


Kalacakra em Transição

Do Apocalipse à Promoção da Paz Mundial

Katja Rakow



[413]

Em 1999 um livro foi publicado na Alemanha e causou muito barulho no cenário Budista alemão. O livro, escrito por Victor e Victoria Trimondi, foi intitulado “A sombra do Dalai Lama: Sexualidade, Magia e Política no Budismo Tibetano”¹. Os autores promulgaram a declaração ousada de que o atual Dalai Lama e o Governo em exílio do Tibet – baseado no sistema *Vajrayana* que visa uma “acumulação de poder mítico-política”² – busca obter um controle universal e estabelecer uma ‘Budocracia’ global. O livro inteiro segue uma linha de argumentação comumente usada em teorias de conspiração. Argumentando de uma maneira típicas das teorias de conspiração, os autores acusam o Dalai Lama de ser um poderoso manipulador que obscurece suas reais intenções por trás de uma fachada de um gentil e sempre sorridente líder espiritual. Eles justificam sua argumentação por uma leitura literal e uma interpretação metonímica de certas seções do *Tantra Kalacakra (dus kyi’ khor lo)*.³

[414]

A Roda do Tempo do *Tantra* é considerada como um dos mais elevados e esotéricos ensinamentos do Budismo Tibetano. De fato, alguns trechos das escrituras *Kalacakra* descrevem uma futura guerra santa Budista erradicando as forças do mal e levando ao amanhecer de uma era dourada Budista. O reino mítico de *Shambhala* desempenha um papel crucial nessa visão apocalíptica da Roda do Tempo do *Tantra*. De acordo com as fontes, *Shambhala* foi o local onde o *Kalacakra Tantra* foi preservado e ensinado aos habitantes do reino. Além disso, *Shambhala* será o lugar de origem do renascimento mundano e espiritual após a batalha apocalíptica.

Com base em uma interpretação literal e descontextualizada das fontes, os Trimondis alegam ser possível revelar a agenda oculta do Dalai Lama e do Governo em exílio do Tibet. De acordo com os autores, eles visam a conquista

¹ VICTOR e VICTORIA TRIMONDI (“Vitória dos três Mundos”) são pseudônimos para Herbert e Maria Röttgen. Para detalhes pertinentes ao significado dos pseudônimos veja ULRICH DEHN, “*Das Feindbild tibetischer Buddhismus,*” em “*Wenn Eisenvögel fliegen...*” *Der tibetische Buddhismus und der Westen*, eds. Ulrich Dehn e Christian Ruch (Berlin: EZW, 2006), 62-70 e Jens Schlieter, “*Wer hat Angst vor dem Dalai Lama?* Victor und Victoria Trimondis *Der Schatten des Dalai Lama* (1999) als spiritualistische Verschwörungstheorie,” *Transformierte Buddhisten* 01 (2008): 54-81. O título alemão do livro é *Der Schatten des Dalai Lama. Sexualität, Magic und Politik im tibetischen Buddhismus*. A primeira edição (1999) foi publicada por editora alemã Patmos, a segunda edição (2002), esgotada, foi publicada por Trikont Verlag, que foi co-fundada por Herbert e Maria Röttgen. Uma tradução inglesa do livro (2003) feita por Mark Penny está disponível na seguinte página da Web: <http://www.iivs.de/~iivsol3II/SDLE/> (acessado em 27 de Novembro de 2008).

² Victor e Victoria Trimondi, “17. Conclusão,” *The Shadow of The Dalai Lama: Sexuality, Magic e Politics in Tibetan Buddhism* (2003), parágrafo I. URL: <http://www.trimondi.de/SDLE/Part-2-17.htm> (acessado em 27 de Novembro de 2008)

³ Para uma análise da argumentação de Trimondi à luz das teorias de conspiração veja SCHLIETER, 68.

do mundo e na erradicação de todos os não-Budistas deste mundo. Na leitura dos Trimondis, *Shambhala* é equiparada ao Tibet e, portanto, o mito de *Shambhala* reside simultaneamente no centro da história tibetana e em seu objetivo final⁴.

Victor e Victoria Trimondi são ex-simpatizantes do Budismo Tibetano e do Dalai Lama. Eles procuravam uma religião que promovesse igualdade entre os gêneros, incorporando o “Eros no espaço sagrado”.⁵ Eles pensaram ter finalmente encontrado aquilo que procuravam no Budismo Tibetano, especialmente no tantrismo. Ainda assim, depois de um estudo intensivo no sistema Budista Tântrico e na política do Dalai Lama, eles – desapontados e enganados, como recordaram em uma entrevista – viraram as costas para o Budismo Tibetano. Como declaram, eles descobriram apenas “a exploração das mulheres [...], a opressão dos dissidentes, despotismo, intolerância, apego obsessivo pelo poder e a demonização e o medo como meios políticos.”⁶

Atualmente, os Trimondi estão entre os principais opositores do Budismo Tibetanos em países de língua alemã. Levando isto em consideração, não é de se surpreender que suas descrições do Budismo Tibetano e uma de suas importantes escrituras e sistemas tântricos esteja muito longe de ser neutra ou equilibrada. Existem três estratégias de argumentação que podem ser desenhadas em sua apresentação do material. A primeira é a interpretação literal das fontes textuais. Em segundo lugar, aspectos singulares de certos conceitos e práticas tântricas são projetados no todo do Budismo Tibetano através de uma distorção generalizada. E, em terceiro lugar, qualquer sinal de contextualização histórica está perdido. Em contraste, de uma perspectiva antropológica sócio-cultural, o *Kalacakra Tantra* como um conjunto de conceitos e práticas é compreendida e interpretada pelas possibilidades epistemológicas e condições sócio-culturais de seu respectivo tempo e lugar. Diferentes agentes sociais em diferentes definições históricas, geográficas e sociais interpretaram a Roda do Tempo do *Tantra* de diversas maneiras. Uma análise, portanto, requer considerações cuidadosas de seus respectivos contextos histórico e social.

[415]

Este artigo discute diferentes interpretações das partes centrais do *Kalacakra Tantra* através do curso da história indo dos cenários apocalípticos à fomentação da paz mundial. Em cada um dos seguintes exemplos a atenção é dirigida às particulares definições históricas, geográficas e sociais de forma a

⁴ Veja TRIMONDI, “17. Conclusão,” <http://www.trimondo.de/SDLE/Part-2-17.htm> (acessado em 27 de Novembro de 2008), parágrafo 16.

⁵ Veja a transcrição da entrevista com a estação de TV austríaca ORF em Fevereiro de 1999 na página dos Trimondi <http://www.trimondi.de/intervo2.html> (acessado em 19 de Janeiro de 2009), parágrafo 2. Traduzido pelo autor.

⁶ Ibid., parágrafo 6. Traduzido pelo autor.

contextualizar cuidadosamente cada uma das diferentes interpretações do *Kalacakra Tantra* e do mito de *Shambhala*. Primeiro, fornecemos uma breve exposição sobre o surgimento do *Kalacakra* no século onze no Norte da Índia. Os pontos focais dessa parte serão as circunstâncias históricas e o horizonte escatológico do *Kalacakra* que está conectado ao mito do legendário reino de *Shambhala*. Em seguida iremos tratar sobre o renascimento do mito de *Shambhala* em função de uma crise geopolítica na Ásia Central na virada do século vinte. Finalmente, a discussão focará em eventos recentes sobre ensinamentos públicos do *Kalacakra* no Ocidente conduzidos pelo atual Dalai Lama. A análise considerará a apresentação do *Kalacakra* à uma vasta platéia de leigos e parcialmente não-Budista bem como à ênfase da promoção da paz mundial.

O Surgimento do Kalacakra Tantra

A Roda do Tempo do *Tantra* surgiu no Norte da Índia no século onze⁷. O Budismo Indiano era objeto de duas ameaças significantes naquela época. Por um lado, o Budismo – em comparação à diferentes seitas Hindus que floresciam – tornou-se gradativamente rarefeito e desengajado dos interesses imediatos das grandes massas. O Budismo Indiano, portanto, sofreu uma perda crescente de sua base social⁸. Por outro lado, no início do século onze, ocorreram as primeiras invasões turcas e o aumento das migrações muçulmanas. Traços dessas circunstâncias históricas podem ser encontrado por todas as escrituras *Kalacakra*. Tais escrituras são consideradas como parte das principais fontes de interpretações Budistas do Islã. A descrição das crenças e práticas religiosas muçulmanas apontam o Islamismo como uma antítese do Budismo. Em outras palavras, o Islamismo é retratado como uma religião bárbara, de comportamento selvagem, violência e iconoclasta.⁹

[416]

Portanto, como declarado por John Newman, o *Kalacakra Tantra* adotou e transformou o mito Hindu de *Kalki*¹⁰. *Kalki*, a décima e última encarnação de *Vishnu*, aparecerá no final da *Kali Yuga* atual quando o mal tiver quase

⁷ Com base em uma cuidadosa análise das fontes do *Kalacakra*, Newman argumenta que os textos básicos do sistema tântrico foram originados nas primeiras décadas do século onze. Veja JOHN NEWMAN, “*The Epoch of Kalacakra Tantra*,” *Jornal Indo-Iraniano* 41 (1998): 319-49.

⁸ Cf. RICHARD S. COHEN, “Índia,” *Enciclopédia de Budismo*, Vol. I, ed. By ROBERT E. BUSWELL (New York: Macmillan Reference USA, Thomson & Gale, 2004), 359.

⁹ Cf. JOHN R. NEWMAN, “*Islam in the Kalacakra Tantra*,” *Jornal da Associação Internacional de Estudos Budistas (JIABS)* 21/2 (1998): 311-71.

¹⁰ JOHN NEWMAN, “*Eschatology in the Wheel of Time Tantra*,” in *Buddhism in Practice*, ed. DONALD S. LOPEZ (Princeton: Princeton University Press, 1995), 285.

totalmente eclipsado o bem. De acordo com o mito, o guerreiro Brâmane *Kalki* nascerá em uma aldeia chamada *Shambhala*¹¹. Foi previsto que ele liderará um exército de Brâmanes e irá “aniquilar os párias e os bárbaros, estabelecendo uma nova era dourada de justiça, prosperidade e ordem social.”¹²

A Roda do Tempo do *Tantra* adaptou o mito Hindu de *Kalki* às condições religiosas e políticas correntes. Na reinterpretação Budista é dito que o Buda ensinou o *Kalacakra Tantra* à pedido de *Sucandra*, regente de *Shambhala*¹³. *Shambhala* é um reino legendário situado em algum lugar entre o Norte da Índia e os Himalaias. É descrita como um lindo reino onde a prosperidade e a felicidade imperam e todos os seus habitantes esforçam-se para atingir a iluminação. De acordo com as fontes, a Roda do Tempo do *Tantra* foi preservada no reino de *Shambhala* e sucessivamente passada a seus governantes.¹⁴ O sétimo *Dharmaraja* (*chos rgyal*) de *Shambhala*, rei *Yasas*, unificou todas as famílias Brâmanes de *Shambhala* em um único clã *vajra* Budista (*rdo rje rigs*) e naquela ocasião ensinou uma versão resumida do *Kalacakra Tantra* a todos eles.¹⁵ À ele foi dado, portanto, o título de *Kalki*. O termo Tibetano é *rigs Idam*, que significa “chefe”.¹⁶ Doravante, todo rei de *Shambhala* utilizava o título de *Kalki*. É predito que o último *Kalki* de *Shambhala* ao final da era atual de degeneração irá reunir um grande exército liderado pelos reis de *Shambhala* e pelos deuses Hindus. Sob o comando do *Kalki* Budista, as forças bárbaras serão conquistadas e uma nova era de perfeição começara. Nesta predita era dourada o Budismo irá florescer, a justiça irá reinar e todas as pessoas viverão uma vida longa e feliz.

[417]

¹¹ WENDY DONIGER O’FLAHERTY, *Hindu Myth. A Sourcebook translated from the Sanskrit* (Harmondsworth, Penguin Books, 1982), 237.

¹² NEWMAN, “*Eschatology in the Wheel of Time Tantra*,” 284-85.

¹³ De acordo com as fontes, o rei *Sucandra* escreveu os ensinamentos que recebeu do Buda na manifestação do *Kalacakra*. Esse texto foi considerado como o “tantra-raiz” e, portanto, intitulado *Kalacakra mulatantra* (*rtsa rgyud*). Algumas vezes esse texto é referenciado como *Paramadibuddha* (*mshog gi dang po’i sangs rgyas*). Para mais detalhes veja JOHN NEWMAN, “*The Paramadibuddha (The Kalacakra Mulatantra) and its relation to the Early Kalacakra Literature*,” *Jornal Indo-Iraniano* 30 (1987): 93-102.

¹⁴ Em relação à sucessão dos governantes de *Shambhala*, veja LUBOS BELKA, “*Kalachakra and the Twenty-Five Kulika Kings of Shambhala: A Xylograph from Prague*,” *Religio: revue pro religionistiku* 15/1 (2007): 125-38.

¹⁵ A versão resumida do *Kalacakra mulatantra* é conhecida como *Kalacakra laghutantra* (*bsdus pa*) ou *Sri Kalacakra*. Cf. NEWMAN, “*The Paramadibuddha*,” 94.

¹⁶ Para uma discussão dos aspectos do significado dos termos em Sânscrito e Tibetano veja JOHN R. NEWMAN, “*A Brief History of the Kalachakra*,” em *The Wheel of Time. The Kalachakra in Context*. Eds. GESHE LHUNDUB SOPA, ROGER JACKSON and JOHN R. NEWMAN (Ithaca: Snow Lion Publications, 1991), 83 n.4, e KARENINA KOLLMAR-PAULENZ, “*Utopian Thought in Tibetan Buddhism: A Survey of the Sambhala Concepts and its Sources*,” *Studies in Central and East Asian Religions*, Vol. 5/6 (1992/93): 81 n. 12.

De acordo com o supracitado, está claro que a reformulação Budista do mito profético Hindu do herói Brâmane *Kalki* foi substituído pelo *Cakravartin*¹⁷ Budista. De acordo com a versão Budista, o exército de *Shambhala* aliado aos deuses Hindus subordinados irá derrotar as forças bárbaras (*kla klo*) e seu *Dharma* bárbaro (*kla klo'i chos*), que ameaçava a continuidade do *Buddhadharma*. Em ambos os casos – no mito Hindu e na adaptação Budista – a figura de *Kalki* carrega traços escatológicos. Ele é retratado como um herói guerreiro em uma batalha apocalíptica que destrói a antiga ordem e estabelece uma nova era dourada.

O caráter marcial dessa parte da Roda do Tempo do *Tantra* parece contradizer o princípio Budista da não-violência. Isso levou os últimos intérpretes e comentaristas a estressar a natureza alegórica do *Kalacakra*. A fonte de tal interpretação reside na própria estrutura do *Tantra*. A Roda do Tempo do *Tantra* é dividida em três partes principais: a Externa, a Interna e a Alternativa¹⁸. O *Kalacakra* Externo (*phyi'i dus 'khor*) delinea os ciclos de tempo externos do mundo e dos cosmos. O *Kalacakra* Interno (*nang gi dus 'khor*) descreve os ciclos de tempo internos da pessoa e o *Kalacakra* Alternativo (*gzhang gyi dus 'khor*) lida com as iniciações e os estágios de geração e realização. Uma das características distintivas da Roda do Tempo do *Tantra* é a ênfase na identidade do macrocosmos no universo e do microcosmos no ser humano individual. O reino de *Shambhala* e o cenário apocalíptico são descritos na primeira parte, o *Kalacakra* Externo. Seguindo a homologia macrocosmo-microcosmo, a guerra atual poderia ser interpretada como uma luta entre a iluminação e a ignorância. A luta, portanto, não se dá no mundo externo mas sim no corpo do praticante¹⁹.

[418]

Pelo que foi exposto fica claro que as escrituras *Kalacakra* espelham eventos históricos como as primeiras incursões Muçulmanas no Noroeste da Índia e a decrescente importância do Budismo. A contínua competição entre o Budismo e as diferentes seitas Hindus que floresciam está refletida na tentativa de subordinar os clãs Hindus e seus deuses sob o governo abrangente do *Kalki* Budista. Portanto, o *Kalacakra* pode ser visto como uma resposta temporal às tensões históricas, sociais e religiosas daquele tempo que foram inscritas no corpo textual do sistema tântrico. Embora os estudiosos e comentaristas Budistas enfatizem a natureza simbólica da Roda do Tempo do *Tantra*, o sistema tântrico e o mito de *Shambhala* mostram uma conotação política desde o seu surgimento. Durante o curso da história, essa dimensão política do

¹⁷ Cf. JOHN R. NEWMAN, "A Brief History of the Kalachakra," 79.

¹⁸ Para mais detalhes veja GESHE LHUNDUB SOPA, "The Kalachakra Tantra Initiation," em A Roda do Tempo. The Kalachakra in Context, eds. GESHE LHUNDUB SOPA, ROGER JACKSON e JOHN NEWMAN (Ithaca: Snow Lion Publications, 1991), 93.

¹⁹ Veja JOHN NEWMAN, "Eschatology in the Wheel of Time Tantra," 284-89.

Kalacakra têm sido revivida e adaptada para servir à propósitos políticos contemporâneos.

Reinterpretações Políticas do Mito de *Shambhala*

Entre as pessoas do Tibet e da Mongólia existe uma noção comum de que o reino de *Shambhala* é um paraíso nos confins do mundo, escondido nos vales remotos do Himalaia ou em algum lugar ao Norte do Tibet.²⁰ Somado à essa noção, o horizonte escatológico do *Kalacakra Tantra* e o mito de *Shambhala* alimentaram o debate político no contexto Tibetano e Mongol na virada do século vinte. O *Buryat* Mongol Agvan Dorjiev (1854-1938), por exemplo, convenceu o décimo-terceiro Dalai Lama (1876-1933) que o Império Russo era *Shambhala* e que o Czar seria seu governante. A proteção contra a expansão do império Britânico, argumentou Dorjiev, só poderia, portanto, ser encontrada na Rússia czarista. Além disso, a dimensão política do mito de *Shambhala* tem sido utilizada pelos Mongóis de diversas maneiras. O herói Mongol nacional, por exemplo, Sukhbaatar (1893-1923), liderando o Partido Popular Mongol para recuperar a independência no início do século vinte, compôs uma marcha prometendo o renascimento de seus soldados como guerreiros do rei de *Shambhala*.²¹ Durante a ocupação japonesa da Mongólia nos anos 30, foi dito aos Mongóis que *Shambhala* poderia ser encontrada no Japão.²²

[419]

Como apontado anteriormente, o *Kalacakra Tantra* teve uma conotação política desde a sua concepção. Os exemplos da virada do século vinte

²⁰ Alguns textos tibetanos do gênero de itinerários ou guias (*lam yig*), como e.g. *Manlugpa's Shambhalai Lamyig (sham bha la'i lam yig)*, descrevem a jornada ao reino de Shambhala como uma viagem fisicamente realizável à uma terra nos confins do mundo ao passo que em trabalhos posteriores tornem a jornada mais em um caminho espiritual do que físico. Para mais detalhes e uma lista de diferentes livros sobre Shambhala, veja KARENINA KOLLMAR-PAULENZ, "Utopian Thought in Tibetan Buddhism," 78-96. As orações Tibetanas e Mongóis (*smon lam*) para o renascimento em *Shambhala* enfatizam a noção de paraíso na ideia de *Shambhala*. Veja por exemplo KARENINA KOLLMAR-PAULENZ, "Ein mongolisches Wunschgebet um Wiedergeburt in Sambhala," *Ural-Altäische Jahrbücher*, Neue Folge, Band 13 (1994), 158-74.

²¹ Cf. EDWIN BERNBAUM, *The Way to Shambhala. A Search for the Mythical Kingdom beyond the Himalaians* (New York: Anchor Books, 1980), 18. NICOLAS ROERICH menciona uma canção mongol sobre *Shambhala* em seu livro *Shambhala: In Search of the New Era*. É possível que Roerich se refira à música composta por *Sukhbaatar*. Veja NICOLAS ROERICH, "Shambhala, the Resplendent (Talai-Pho-Brang, 1928)," em *Shambhala: In Search of the New Era*, ed. Nicolas Roerich (Rochester: Inner Traditions International [1930]), 2.

²² KOLLMAR-PAULENZ, "Utopian Thought in Tibetan Buddhism," 87.

mencionados previamente mostram o renascimento e a reinterpretação do mito de *Shambhala* induzidos pelas novas circunstâncias históricas e geopolíticas.

Tibet – Um Peão no Tabuleiro de Xadrez Imperial n o Grande Jogo

Para destacar os diferentes fatores históricos, políticos e sociais que estavam em jogo, atenção deve ser dada ao caso de *Agvan Dorjiev* e sua utilização política do mito de *Shambhala* na promoção da aproximação entre Tibet e Rússia. Os eventos em questão ocorreram no contexto do chamado “Grande Jogo” no auge da era imperialista. O “Grande Jogo” era a competição geopolítica entre os impérios Britânico e Russo pela supremacia da Ásia Central do início do século dezenove até o século vinte²³. A expansão da Rússia imperial conflitou com o aumento da dominação Britânica das terras ocupadas do subcontinente Indiano e seus crescentes interesses imperiais nos Himalaias e no platô Tibetano. O relacionamento entre essas duas forças antagonistas foi marcado por rivalidade, exploração e espionagem. Nesse contexto, o Tibet se tornou apenas um “mero peão no tabuleiro de xadrez imperial”²⁴.

[420]

No século dezenove, a situação do Tibet era precária. A supremacia Chinesa sobre o Tibet começou a decair devido à perda de poder e fragmentação da dinastia *Qing*²⁵. Mas a soberania do Tibet não só era contestada pela interferência Chinesa como também pelas intrusões dos *Dogras* da Caxemira (1842), as incursões dos *Gurkhas* do Nepal (1854) e pelos interesses Britânicos²⁶. Pela anexação de Assam em 1826, o acordo com o Butão em 1865 e o estabelecimento do protetorado Britânico em *Sikkim* em 1890, o Império Britânico se aproximava das fronteiras Tibetanas. Embora a Grã-Bretanha possuísse diferentes acordos com a China que obrigavam o Tibet a cooperar com os Britânicos, o governo Tibetano cada vez mais se

²³ Para mais detalhes referentes à época do “Grande Jogo”, veja KARL E. MEYER e SHAREEN BLAIR BRYSAK, *Tournament of Shadows. The Great Game and the Race for the Empire in Central Asia* (Counterpoint: Washington D.C., 1999); TATIANA SHAUMIAN, *Tibet. The Great Game and Tsarist Russia* (Delhi: Oxford University Press, 2000) e NIKOLAI S. KULESHOV, *Russia’s Tibet File (Dharamsala: Library of Tibetan Works and Archive, 1996)*.

²⁴ TSERING SHAKYA, *The Dragon in the Land of Snow. A History of Modern Tibet Since 1947* (London: Pimlico, 1999), xxiv.

²⁵ O Tibet foi anexado ao Império Qing em 1793 mas a supremacia chinesa logo começou a decair. Veja KARENINA KOLLMAR-PAULENZ, *Kleine Geschichte Tibets* (München: C.H.Beck, 2006), 129-35.

²⁶ Os *Dogras* primeiro estabeleceram sua autoridade sobre *Ladakh* e *Baltistan* em 1842 e de lá expandiram com a intenção de ganhar controle sobre o comércio de lã conquistando as áreas produtoras de lã no Tibet Ocidental. Veja K. WAKIKOO, “*Ladakh’s Trade Relations with Tibet under the Dogas,*” *China Report* 26 (1990): 133-44.

recusava a seguir as ordens Chinesas. Apesar de seus esforços, os Britânicos continuavam a falhar em estabelecer com sucesso relações diplomáticas e conexões de comércio com o governo Tibetano. Eles temiam cada vez mais que a região caísse sob a influência Russa. Esses medos foram mais alimentados pela posição mais vantajosa dos Russos. Diferentes grupos étnicos do Império Russo como os *Kalmyks*, *Buryats* e *Tuvans* eram seguidores do Budismo em sua forma Tibeto-Mongol²⁷. Os grandes monastérios *Gelugpa* (*dge lugs pa*) no Tibet Central atraíram monges, lamas e peregrinos dessas remotas regiões da Rússia²⁸. Mais ainda, o governo czarista promoveu uma política tolerante em relação (entre outros) às minorias Budistas de forma a abrir e manter opções de comércio na Ásia Central. Em 1741, a Czarina Elizabeth Petrovna concedeu ao Budismo de religião aceita oficialmente²⁹ e o governo czarista nomeou em 1766 Bandido Chambo Lama (*pan d ita mkhan po blama*) como líder religioso e secular dos Budistas *Buryat*.³⁰ Apoiado financeira e administrativamente pelas autoridades Russas, o Budismo floresceu na região de *Transbaikal* até os anos 30.

[421]

Agvan Dorjiev – O Emissário Tibetano ao Czar³¹

Agvan Dorjiev, nascido em 1854, era um Mongol *Buryat* que pertenceu à minoria Budista assentada ao Leste do Lago *Baikal*. O *Transbaikal* pertencia ao Império Russo e, portanto, *Dorjiev* era um cidadão Russo. Aos dezenove anos, *Dorjiev* foi para o Tibet pela primeira vez. Ele retornou ao Tibet em 1880 para estudar na faculdade *Gomang* do monastério *Drepung*. Em 1888 ele fez os exames *geshe*, os quais foi aprovado com as mais altas honras e foi condecorado com o grau de *Lharampa*. No mesmo ano, *Dorjiev* tornou-se tutor do jovem décimo-terceiro Dalai Lama. Ao longo dos anos, *Dorjiev* e o Dalai Lama desenvolveram uma amizade íntima e duradoura. Na tensa situação política do final do século dezenove, ele convenceu o décimo-terceiro Dalai

²⁷ Para detalhes sobre a história inicial do Budismo étnico na Rússia, veja o estudo de ELENA A. OSTROVSKAYA, “*Buddhism in Saint Pettersburg*,” *Journal of Global Buddhism* (2004): 19-95, <http://www.globalbuddhism.org/toc.html> (acessado em 10 de Janeiro de 2009).

²⁸ Veja KOLLMAR-PAULENZ, *Kleine Geschichte Tibets*, 137.

²⁹ O reconhecimento oficial do Budismo incluiu a isenção de serviço militar, suporte à instituições religiosas Budistas bem como a permissão para enviar emissários aos seguidores das formas locais de religião não-Cristãs e Islâmicas na Sibéria Oriental e na região de *Transbaikal*. Cf. DITTMAR SCHORKOWITZ, *Staat und Nationalitäten in Russland: Der Integrationsprozess der Bujaten und Kalmücken, 1822-1925* (Stuttgart: Franz Steiner, 2001), 59.

³⁰ Cf. SCHORKOWITZ, 60.

³¹ Para um registro detalhado da vida de *Agvan Dorjiev* veja JOHN SNELLING, *Buddhism in Russia. The Story of Agvan Dorzhiev, Lhasa's Emissary to the Tsar* (Shaftsbury, Rockport, Brisbane: Element, 1993) bem como a biografia de *Dorjiev* traduzida e publicada por THUPTEN J. NORBU, “*Dorjiev: Memoirs of a Tibetan Diplomat*,” *Hokke-bunka kenkyu* 17 (1991): 1-105.

Lama das possíveis vantagens de uma aliança com o Império Russo. O Dalai Lama temia uma anexação Britânica do Tibet que eventualmente levaria à destruição da cultura Budista. Embora ambos os impérios, Rússia e Grã-Bretanha, fossem nações Cristãs, *Dorjiev* foi capaz de apontar que a Rússia era conhecida por sua tolerância para com os Budistas.

“Por que ela própria é uma inimiga da Grã-Bretanha, Rússia prestará assistência à Terra das Neves para impedi-la de ser devorada pelos Britânicos [...]. Também, os ensinamentos inoxidáveis do Buda continuam a florescer nos territórios controlados de Torgut e Buryat[ia]”³²

[422]

Dorjiev, que estava familiarizado como o *Kalacakra Tantra* e a prece de renascimento em *Shambhala* (*sham bha la'i smon lam*)³³, explicou que o reino mítico no Norte dos Himalaias, o reino de *Shambhala*, era na verdade o reino da Rússia. Portanto o Czar Russo, que se igualava ao governante de *Shambhala*, protegeria os ensinamentos Budistas³⁴. Outro *Lama Kalmyk* chamado *Dambo Ul'janov* até chegou a sugerir em um livro que os *Romanovs* seria descendentes diretos de *Sucandra*³⁵, o Rei de *Shambhala*, e que *Kalapa*, capital de *Shambhala*, seria Moscou³⁶.

Obviamente *Dorjiev* deve ter sido convincente pois em 1898, em nome do Dalai Lama, ele viajou à Europa e finalmente encontrou-se com o Czar Nicolau II. Dois anos depois *Dorjiev* foi em uma missão oficial como emissário ao Czar Russo. Ele carregava uma carta do Dalai Lama que foi entregue ao Czar no Palácio *Livádia*, residência de verão do Czar em *Odessa*. Em 1901 foi em uma segunda missão oficial à corte Czarista. Ambas as missões deveriam estabelecer conexões regulares entre o Império Russo e a Terra das Neves bem como busca ajuda em caso de intervenções Britânicas no Tibet. Não havia, entretanto, compromisso na resposta Russa devido à sua falta de vontade em arriscar suas relações inseguras com o Império Britânico.

Foi exatamente essa missão de *Agvan Dorjiev* à corte Russa que selou o destino do Tibet no começo do século vinte. Os Britânicos consideraram

³² Essas palavras de *Dorjiev* são citadas em SNEELING, 36.

³³ Veja NORBU, 15 e 24.

³⁴ Veja KOLLMAR-PAULENZ, “*Utopian Thought in Tibetan Buddhism*,” 86 e RAM RAHUL, *The Government and Politics of Tibet* (Delhi: Vikas Publications, 1969), III.

³⁵ Cf. ALEXANDR ANDREEV, “*Agvan Dorjiev and the Buddhist Temple in Petrograd*,” *Chö-Yang: The Voice of Tibetan Religion & Culture, Year of Tibet Edition (Dharamsala: Gangchen Kyishong, 1991)*, 216. KOLLMAR-PAULENZ mencionou o livro de *Dambo Ul'janov*. O livro foi intitulado *Predskazanie Buddy o dome Romanovykh I kratkijocerk moich putsetvij v Tibet v 1904-1905gg* e publicado em São Petersburgo em 1913. Cf. KARENINA KOLLMAR-PAULENZ, “*Shambhala, eine tibetische-buddhistische Utopie*,” em *Tibetan Studies*, Vol. I, eds. HELMUT KRASSER et al. (Wien: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 1997), 539 n. 26.

³⁶ Cf. KOLLMAR-PAULENZ, “*Utopian Thought in Tibetan Buddhism*,” 86 e SCHORKOWITZ, 283.

Dorjiev como sendo um mero agente Russo ao invés de um estudioso Budista que agiu sob o aconselhamento do Czar³⁷. As notícias do encontro de *Dorjiev* com o Czar, representando os interesses do décimo-terceiro Dalai Lama, convenceram Lord Curzon, Vice-rei da Índia, de sérias negociações entre a Rússia e o Tibet. Ele até conjecturou algum tipo de tratado secreto que ameaçavam os interesses Britânicos na Índia³⁸. Essas suspeitas colaboraram para a invasão Britânica no Tibet, que veio a ser conhecida como a Expedição *Younghusband* de 1903/04. O plano de buscar a ajuda do Império Russo para prevenir a interferência Britânica no Tibet acabou produzindo o efeito oposto ao que era esperado.

[423]

Os Britânicos estavam convencidos que os russos controlavam todas as ações de *Dorjiev*. Entretanto, *Dorjiev* tinha seus próprios interesses. Como a historiadora Helen S. Hundley apontou:

*“Na época do ‘Grande Jogo’, nenhum dos jogadores poderia imaginar que não-Europeus pudessem ter seus próprios interesses ou que um cidadão do Império não compartilhasse dos mesmos objetivos que seu país natal.”*³⁹

Dorjiev vislumbrou um movimento Pan-Budista e Pan-Mongol aglutinando todos os Budistas da região de *Baikal* do Tibet em um único estado.⁴⁰ Em relação às condições políticas daquele tempo, ele recomendou que esse expandido mundo Budista deveria se unir sob o Império Russo. Ele assumiu que com o seu tamanho físico e número aumentados, os Budistas poderiam esperar uma maior segurança no Império Russo. Sua utilização do mito de *Shambhala* deve ser vista nesse contexto⁴¹.

Em 1909 *Dorjiev* obteve permissão do Czar para construir um grande templo Budista em São Petersburgo. Algumas fontes declaram que o templo foi

³⁷ A imagem de Agvan Dorjiev na literatura antiga Ocidental era muito distorcida. Na maioria das vezes ele era retratado como um agente do Imperialismo Czarista. Veja as respectivas citações em NORBU, 5-6.

³⁸ Cf. SHAUMIAN, 46-87.

³⁹ HELEN S. HUNDLEY, “Tibet’s Part in the ‘Great Game’,” *History Today* 43/10 (1993): 45.

⁴⁰ O Pan-Mongolismo entre alguns Buryats educados. Cf. ROBERT W. MONTGOMERY, *Late Tsarist and Early Soviet Nationality and Cultural Policy. The Buryats and Their Language* (Lewiston: The Edwin Mellen Press, 2005), 25.

⁴¹ *Ibid.*, 47. W. A. UNKRIG faz uma declaração similar dos objetivos de *Dorjiev* em uma carta ao Dr. R. LOEWENTHAL de 17 de Dezembro de 1954, citado em ROBERT A. RUPEN, *Mongols of the Twentieth Century* (Bloomington: Indiana University Publications, 1964), 106-7.

dedicado à divindade Budista *Kalacakra*⁴². A primeira cerimônia, em 21 de Fevereiro de 1913, foi realizada durante as festividades que marcavam o trigésimo aniversário da dinastia *Romanov*⁴³. Mas o sonho de uma aliança entre as comunidades Budistas Russas com os Budistas Tibetanos sob o Czar Nicolau II terminou quatro anos depois com a revolução Russa de 1917. Na sequência das revoltas, o templo Budista de São Petersburgo foi parcialmente destruído pelos soldados do Exército Vermelho.

[424]

O caso de *Agvan Dorjiev* mostra claramente uma interpretação do mito de *Shambhala* com conotações políticas. A política tolerante do império Russo acerca das minorias Budistas dos *Buryats* e *Kalmyks*, suas fortes conexões com as instituições monásticas Tibetanas e a necessidade de suporte do Governo Tibetano contra o Império Britânico – na percepção de *Agvan Dorjiev* – foram os fatores que nutriram as esperanças por um mundo pan-Budista sob a égide do Império Russo. O mito de *Shambhala* serviu como um padrão interpretativo e, portanto, esperava-se que fornecesse uma solução religiosa legitimada traduzindo a atual e politicamente tensa situação em um contexto mítico bem conhecido.

Iniciações Públicas no Kalacakra Tantra no Ocidente

Durante a última década, um número de professores do alto escalão de todas as escolas Budistas Tibetanas têm realizado iniciações no *Kalacakra* ao redor do mundo. O templo Budista de São Petersburgo é apenas um dos lugares onde professores Budistas Tibetanos oferecem essas iniciações à aderentes ocidentais⁴⁴. O décimo-quarto Dalai Lama é, sem sombra de dúvida, o mais proeminente desses professores. A primeira iniciação em massa do *Kalacakra* conduzida no Ocidente ocorreu em 1981, em Madison, Wisconsin USA. Mas mesmo as iniciações anteriores no *Kalacakra Tantra* conduzidas

⁴² O próprio *Dorjiev* mencionou em sua autobiografia que ele conduziu cerimônias para diferentes divindades tutelares, dentre eles *Kalacakra*. Veja NORBU, 40. John Sneeling relatou que “acredita-se que o templo tenha sido dedicado à *Kalacakra*.” Veja SNEELING, 160. Alexandr Andreev declara que na consagração final do templo, em 10 de Agosto de 1915, ritos especiais foram conduzidos e dedicados à deidade tântrica *Kalacakra*. Cf. ANDREEV, 214. A rede internacional *Kalacakra* relaciona o templo Budista de São Petersburgo como um dos locais especiais do *Kalacakra*. Para mais detalhes veja a URL http://www.kalachakranet.org/kalachakra_tantra_places.html (acessado em 28 de Fevereiro de 2009). Para mais informações sobre a história do templo, sua restauração e seu uso atual visite as seguintes páginas da web: <http://dazan.spb.ru/> e <http://www.marhotin.ru/eng/> (acessado em 27 de Novembro de 2008).

⁴³ Veja OSTROVSKAYA, 39.

⁴⁴ Kirti Tsenshab Rinpoche concedeu os ensinamentos *Kalacakra* no templo de São Petersburgo em 2003 e 2005.

pelo atual Dalai Lama em Lhasa em 1954 e 1956 foram consideradas como eventos enormes⁴⁵.

[425]

Embora a Roda do Tempo do *Tantra* seja considerado um dos mais avançados ensinamentos tântricos da mais alta classe tântrica (*anuttarayoga tantra*), ele é oferecido ao público em geral. À primeira vista, essa contradição parece bastante irritante à luz do caráter esotérico dos tantras *Anuttarayoga* e de suas práticas preliminares e preparações exigidas. Ainda assim, existe um tipo de 'iniciação em massa' nas próprias escrituras do *Kalacakra* quando o Rei *Yasas* ensinou uma versão resumida do *Kalacakra Tantra* a todos os habitantes do reino de *Shambhala* e assim unificou todas as famílias Brâmanes em um único clã *vajra* Budista. Embora as iniciações tântricas públicas possam ser achadas desde o início do século onze⁴⁶, as iniciações em massa no *Kalacakra Tantra* provavelmente são um fenômeno recente⁴⁷. O nono *Panchen Lama* (1883-1937) conduziu nove iniciações *Kalacakra* na China de 1926 a 1936 à milhares de atendentes⁴⁸. Como Fabienne Jagou apontou, ele conduziu essas iniciações para levantar fundos para seu monastério no Tibet. O *Kalacakra* foi considerado como uma das iniciações mais poderosas e a que mais recompensava financeiramente⁴⁹. Uma grande iniciação foi realizada em Pequim em 1932 para aproximadamente 60.000 participantes Chineses e Mongóis incluindo o sétimo *Changkya Khutuktu (Icang skya hu tuk tu)* da Mongólia. Naquela ocasião, o *Panchen Lama* conduziu o *Kalacakra* explicitamente para a paz da região⁵⁰.

Levando isso em consideração, o atual *Dalai Lama* e seus ensinamentos públicos denominados 'Kalacakra para Paz Mundial'⁵¹ parece ter um predecessor no nono *Panchen Lama*. Nas declarações oficiais dos comitês organizadores desses eventos pode ser encontrada uma forte ênfase no benefício para todos os participantes do evento, independente de sua afiliação

⁴⁵ Veja URBAN HAMMAR, "Dalai Lama and the Modern Kalacakra Initiations," apresentado na conferência "Ritual Practices in Indian Religions and Contexts" em Lund (2004), 4. <http://www.teol.lu.se/indiskareligioner/conference04/13996670/panel2hammer.pdf> (acessado em 3 de Março de 200).

⁴⁶ Veja o exemplo de Ralotsawa Dorjedrak (*rwa lo tsa ba rdo rje grags*) e sua apresentação pública do sistema *Vajrabhairava* no século onze no Tibet. RONALD M> DAVIDSON, *Tibetan Renaissance, Tantric Buddhism in the Rebirth of Tibetan Culture* (New York: Columbia University Press, 2005), 136.

⁴⁷ HAMMAR, 4.

⁴⁸ FABIENNE JAGOU, *Le Panchen Lama (1883-1937): Enjeu des relations sino-tibétaines* (Paris: École française d'Extrême Orient, 2004), 117-26 e HAMMAR, 10.

⁴⁹ JAGOU, 124-26.

⁵⁰ Em Setembro de 1931 o Japão lançou um ataque à Manchúria e ao interior da Mongólia ocupando aquela região.

⁵¹ O número de participantes varia de 1.500 a 200.000 dependendo de onde a iniciação é dada. Normalmente, os maiores ensinamentos são executados no Tibet e, agora, na Índia.

religiosa ou sua não afiliação e seu nível de participação na iniciação⁵². Ainda assim, o *Dalai Lama* enfatiza em especial a importância dos ensinamentos preliminares assim como as limitações para os diferentes grupos de participantes. Em uma entrevista realizada em Agosto de 2002 em Spiti na Índia, ele declarou que o praticante precisa “um bom conhecimento do *Budadharma* e em especial do *Tantrayana* para entender esses rituais” e que o “*Kalacakra* é um ensinamento destinado aos Budistas”.⁵³ Portanto, apenas uns poucos selecionados são capazes de participar da iniciação como uma iniciação real na prática tântrica do *Kalacakra*. Para a grande maioria dos participantes que participam das iniciações, isso é considerado como uma bênção.⁵⁴

[426]

Vale a pena mencionar que há diferenças entre as iniciações *Kalacakra* conduzidas no Ocidente e aquelas conduzidas na Índia. De acordo com o Dalai Lama, ele conduz as iniciações completas apenas em lugares onde jovens Lamas possam recebê-la devido ao seu futuro papel como professores do sistema tântrico. No Ocidente ele geralmente confere apenas as iniciações básicas, que são os fatores de maturação para a prática do estágio completo.⁵⁵

***Kalacakra* e a Noção de Paz Mundial**

Os ensinamento públicos e iniciações conduzidos pelo Dalai Lama à pedido são denominados “*Kalacakra* para Paz Mundial.”⁵⁶ Como observado anteriormente, o nono *Panchen Lama* já havia concedido a iniciação explicitamente para a paz em tempos de guerra. Uma razão para solicitar essa iniciação nos dias de hoje é a percepção de que o mundo está em perigo e que é necessário reunir todas as forças do bem deste mundo para ajudar nesta crise. O grande número de visitantes dos eventos de “*Kalacakra* para Paz Mundial” mostra claramente que a mais alta iniciação tântrica do Budismo Tibetano, que é considerado amplamente como uma religião pacífica e não

⁵² Veja, como exemplo, a declaração no site oficial da iniciação em Graz. http://www.shedrupling.at/KC/deu/deu_ikal/init.html (acessado em 3 de Março de 2009) e Toronto <http://www.ctao.org/kalachakra/kalachakra/introduction.htm> (acessado em 3 de Março de 2009).

⁵³ Veja http://www.shedrupling.at/KC/deu/deu_spir/i.html (acessado em 3 de Março de 2009).

⁵⁴ Cf. Dalai Lama, “Foreword: Concerning the Kalachakra,” em *The Wheel of Time, The Kalachakra in Context*, eds. GESHE LHUNDUB SOPA, ROGER JACKSON e JOHN NEWMAN (Ithaca: Snow Lion Publications, 1991), xviii-xix.

⁵⁵ Veja http://www.shedrupling.at/KC/deu/deu_spir/i.html (acessado em 3 de Março de 2009).

⁵⁶ Certamente podemos dizer que a iniciação pública concedida em 1985 em Rikon, Suíça, foi denominada “*Kalacakra* para a Paz Mundial” em cada ensinamento que foi dado uma vez que foi conduzida pelo Dalai Lama.

violenta por natureza, parece ser percebida como uma medida apropriada e o Dalai Lama como a pessoa certa para essa tarefa. Não obstante, é notável que as iniciações *Kalacakra* conduzidas por outros mestre do Budismo Tibetano nos últimos anos não acrescentem “para a paz mundial.”⁵⁷

[427]

Considerando as origens históricas da Roda do Tempo do *Tantra* e especialmente as características violentas nas passagens do *Kalacakra* Externo, a forte ênfase em ‘paz mundial’ parece espantosa. Portanto, é necessário incluir algumas observações no aspecto de ‘paz mundial’ nos ensinamentos do décimo-quarto Dalai Lama.

É sabido que a promoção da paz, tolerância e não-violência fazem parte de seus interesses principais, pelos quais foi reconhecido com o Prêmio Nobel da Paz em 1989.⁵⁸ Seu papel como líder religioso e político e sua luta pela independência do povo Tibetano são amplamente reconhecidos. Ele é um dos mais procurados interlocutores por jornalistas, cientistas, artistas e, cada vez mais, por políticos. Muitos no Ocidente o veem não somente como um líder do Budismo Tibetano, especificamente da tradição *Gelugpa*, mas como um líder do Budismo Mundial.

Enquanto o Dalai Lama apresenta especificamente os ensinamentos Budistas e iniciações principalmente para Budistas ocidentais ou para interessados no Budismo, na maior parte do tempo ele também realiza palestras públicas objetivando públicos mais amplos no programa de apoio do evento. Essas palestras públicas são orientadas a tópicos gerais tais como os conceitos básicos do Budismo, a busca pela felicidade, a importância do diálogo inter-religioso, tolerância e não-violência. Comparando os ensinamentos Budistas apresentados pelo Dalai Lama com suas palestras públicas, pode-se observar uma diferença fundamental de qualidade.

Para ilustrar, eu gostaria de me referir às minhas observações pessoais durante a última visita do Dalai Lama a Hamburgo, Alemanha ocorrida em 2007. Sua visita durou sete dias e a programação foi dividida em três partes. A primeira foi composta de um programa de fim de semana denominado “Aprendendo a Paz – A prática da Não-Violência”. A segunda foi uma palestra pública, em uma tarde de domingo, sobre o tópico “Compaixão em um Mundo Globalizado” que abrangeu os ‘Quatrocentos Versos’ do mestre Indiano *Aryadeva*.⁵⁹

⁵⁷ Para citar um exemplo, os ensinamentos Kalacakra e a iniciação concedida por *Sakya Trizin* em Novembro de 2006 não mencionou a adição “para a paz mundial”.

⁵⁸ Michael Bergunder apontou a forte influência do conceito de *ahimsa* de Mahatma Gandhi na política do Dalai Lama e na apresentação do Budismo Tibetano em exílio. MICHAEL BERGUNDER, “‘Östliche’ Religionen und Gewalt,” em *Religion, Politik und Gewalt*, ed. FRIEDRICH SCHWEITZER (Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 2006), 136-157.

⁵⁹ *Catuhstaka* por *Aryadeva*.

[428]

É digno de nota que a palestra pública de duas horas esgotou-se quase que imediatamente, seguida pelo programa de dois dias do fim de semana ao passo que o treinamento de cinco dias ficou muito longe de esgotar.⁶⁰ Além disso, diferenças significativas na aparência dos públicos podiam ser percebidas. A palestra pública parecia muito um evento social. O público consistia basicamente de moradores de Hamburgo e cercanias. Eles vestiam seus melhores trajes de Domingo para essa rara ocasião de ver o Dalai Lama em pessoa. A palestra pública foi dada em inglês e traduzida para o alemão. Terminou com aplausos retumbantes quando cinco jovens representantes de cinco diferentes religiões recitaram uma oração ecumênica no palco de frente para o Dalai Lama e o público reunido. Comparado à palestra pública, o público do treinamento de cinco dias consistia basicamente em Budistas praticantes de toda a Alemanha bem como do exterior. Não obstante, pôde-se observar que muitos dos ouvintes estavam completamente perdidos com o processo de tradução. O Dalai Lama leu “Os Quatrocentos Versos” de *Aryadeva* e fez seus comentários em Tibetano. Depois de dez ou quinze minutos ele realizou uma pausa e sua explanação foi traduzida para o alemão. Depois de duas ou três horas houve um intervalo. Dessa forma, a palestra continuou até o fim da tarde. Indubitavelmente, a fim de acompanhar seus elaborados ensinamentos, os participantes precisavam possuir um sólido entendimento da doutrina *Mahayana*.

O mesmo padrão pôde ser encontrado durante seus ensinamentos do *Kalacakra* em Graz, Áustria em 2002 e em Toronto no Canadá em 2004.⁶¹ O programa principal, que consistia em ensinamentos preliminares e iniciações, foi acompanhado por um amplo programa de apoio que incluía palestras públicas, simpósios científicos, diálogos inter-religiosos e serviços ecumênicos bem como a apresentação de prêmios ao Dalai Lama honrando seu comprometimento com a paz.⁶²

Fica claro pelo que foi supracitado que o décimo-quarto Dalai Lama é simultaneamente uma figura muito proeminente no discurso público sobre a paz e não-violência bem como um importante professor do Budismo mundial,

⁶⁰ Tanto o programa de fim de semana quanto a palestra pública foram previstos para 10.000 visitantes. Ambos os programas objetivavam uma plateia mais geral e foram feitos em inglês e traduzidos para o alemão. O curso de cinco dias de filosofia Budista foi previsto para 6.500 participantes. Essa parte do programa foi anunciada como uma introdução “sofisticada” aos princípios Budistas.

⁶¹ Veja por exemplo a programação para a iniciação *Kalacakra* em Toronto http://www.ctao.org/kalachakra/kalachakra/Schedule_02042004.pdf (acessado em 3 de Março de 2009).

⁶² Em Outubro de 2002 ele foi homenageado com o Prêmio de Direitos Humanos pela Universidade de Graz, Áustria e em Abril de 2004 ele recebeu o prêmio Internacional Acharya Sushil Kumar Peace da Universidade de Toronto, Canada. Para uma relação com todos os prêmios e os títulos honorários concedidos ao Dalai Lama visite http://dalailama.ctao.org/index.php?option=com_content&task=view&id=28&Itemid=49 (acessado em 3 de Março de 2009).

especialmente para os praticantes do Budismo Tibetano. Ele atrai dois tipos de plateias: para muitos, mesmo conscientes de que ele é um professor Budista, ele é no entanto uma celebridade com uma mensagem de paz mundial, enquanto que para outros, sua importância reside mais em seus ensinamentos Budistas. Ao enfatizar a noção de paz mundial apresentando um dos mais complexos sistemas tântricos à uma plateia basicamente composta por não-Budistas ocidentais, o Dalai Lama cria um escopo de referência possível de entendimento, para a maioria dos participantes, sejam eles Budistas ou não. Sua mensagem de paz tem um efeito universalizante na percepção do cenário particular e dos ensinamentos do *Kalachakra Tantra*.

[429]

A designação dos ensinamentos e da iniciação como “*Kalachakra* para Paz Mundial” foi rapidamente abraçada pelas audiências Ocidentais e pela mídia. Os sites oficiais dos organizadores bem como a cobertura de imprensa do evento fizeram referências frequentes à noção de paz mundial. A mídia Austríaca se referiu ao evento como um “encontro para paz mundial” ao invés de uma iniciação Budista Tibetana.⁶³ O *Cincinnati Enquirer* descreveu o esforço dos participantes que foram à iniciação em Bloomington, Indiana em 1999 como “buscando a paz mundial,” tentando “propagar a paz mundial pela meditação, ensinamentos e rituais” e mencionou seu desejo de “rezar pela paz mundial.”⁶⁴ O site oficial do evento “*Kalachakra* para Paz Mundial Toronto 2004” declarou em sua introdução:

*“Para todos os envolvidos, independentemente de seu nível de participação, o Kalachakra serve como oração universal pelo desenvolvimento da ética de paz e harmonia interior e da humanidade.”*⁶⁵

Declaração similar pôde ser encontrada no site oficial da iniciação *Kalachakra* em Graz, onde os organizadores formularam:

⁶³ A imprensa Austríaca usou o termo alemão “*Weltfriedenstreffen*”. Veja, por exemplo, a declaração em <http://presstext.de/news/020122038/kalachakra-online-rasche-und-um-fangreiche-information-zum-weltfriedenstreffen/> (acessado em 3 de Março de 2009).

⁶⁴ Veja o artigo “*Dalai Lama, followers coming to Indiana*” de 13 de Agosto de 1999, http://www.enquirer.com/editions/1999/08/13/loc_dalai_lama_followers.html (acessado em 3 de Março de 2009).

⁶⁵ URL: <http://www.ctao.org/kalachakra/kalachakra/introduction.htm> (acessado em 3 de Março de 2009).

“Para colocar de uma forma muito simplificada e secular, o Kalachakra para Paz Mundial é como um treinamento em ritmo individual de 10 dias em paz, pensamento positivo, harmonia e tolerância.”⁶⁶

[430]

Embora a maior parte do programa consistisse de rituais e ensinamentos Budistas sofisticados isso não impediu que uma minoria recebesse a iniciação com a intenção real de praticar o *Kalacakra Tantra*. Para a maioria dos participantes, a razão para ir a iniciação pode não ter sido a possibilidade de ganhar um entendimento profundo dos filosóficos e elaborados aspectos rituais da Roda do Tempo do *Tantra*; Ao contrário, talvez tenha sido a chance de ver um dos mais famosos proponentes da paz e da não-violência que é ao mesmo tempo um professor Budista reverenciado e, para muitos, um ícone de um moderno líder espiritual com uma mensagem para todos. Os eventos de ‘*Kalacakra para Paz Mundial*’ podem ser interpretados como uma abordagem para aproximar dois mundos: o mundo de um importante professor de Budismo Tibetano com um legado a ser compartilhado e o mundo de um defensor da paz popular com uma mensagem a transmitir.

Conclusão

Os exemplos delineados ilustraram as diferentes interpretações e adaptações do *Kalacakra Tantra* e do mito de *Shambhala*. Contextualizando cada um dos exemplos destacados com os fatores históricos, geográficos e sociais que operavam. Esses moldavam cada uma das interpretações e adaptações de forma peculiar: as circunstâncias históricas específicas do Budismo no Norte da Índia no décimo e décimo-primeiro séculos foram inseridos no corpo textual do sistema tântrico. A situação particular de *Agvan Dorjiev*, nascido *Buryat* Russo e treinado como um mestre *Gelugpa* no Tibet e nomeado para aconselhar o décimo-terceiro Dalai Lama em uma tensa situação política, moldou a revitalização e reinterpretação do mito de *Shambhala*. A situação especial do atual Dalai Lama como um mestre Budista Tibetano reverenciado, um líder político de um povo exilado e oprimido e um famoso defensor da paz no cenário mundial contribuíram para apresentar o Budismo Tibetano em geral e seus elevados sistemas tântricos em particular.

Retornando ao exemplo introdutório de Victor e Victoria Trimondi, até mesmo sua interpretação do Budismo Tibetano, o *Kalacakra Tantra*, o mito de *Shambhala* e o papel do Dalai Lama precisam ser vistos como produtos de certas circunstâncias históricas e sociais. Nas culturas contemporâneas Ocidentais o Budismo Tibetano é geralmente percebido como uma religião

⁶⁶ URL: http://www.shedrupling.at/KC/eng/eng_ikal/short_expl.html (acessado em 3 de Março de 2009), parágrafo 14.

isenta dos erros atribuídos à religiões institucionalizadas em geral e, em particular, ao Cristianismo⁶⁷. A interpretação dos Trimondi representa um contra-discurso contestando a noção comum do Budismo Tibetano como uma possível alternativa espiritual para os povos Ocidentais.

⁶⁷ Veja por exemplo o trabalho de Michael Bergunder.

[431]

Os exemplos delineados neste artigo cobrem uma ampla gama de interpretações da Roda do Tempo do *Tantra* desenhadas em diferentes tempos e lugares. A sinopse mostra que o *Kalachakra Tantra* como um conjunto de práticas e conceitos não possui um significado atemporal inerente. Ao contrário, diferentes agentes sociais em diferentes configurações históricas, geográficas e sociais interpretaram a Roda do Tempo do *Tantra* de formas diversas. Em um processo ativo de adoção e interpretação eles revivem certos aspectos e negligenciam outros; eles podem até contribuir com novos campos de significados.

Bibliografia Seleccionada

- ANDREEV, ALEXANDR. "Agwan Dorjiev and the Buddhist Temple in Petrograd," Chö-Yang: The Voice of Tibetan Religion & Culture, Year of Tibet Edition (Dharamsala: Gangchen Kyishong, 1991), 214-22.
- BELKA, LUBOS. "Kalachakra and the Twenty-Five Kulika Kings of Shambhala: A Xylograph from Prague," Religio: revue pro religionistiku 15/1 (2007): 125-38.
- BERGUNDER, MICHAEL. "'Ostliche' Religionen und Gewalt," in Religion, Politik und Gewalt, ed. Friedrich Schweitzer, Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 2006, 136-57.
- BERNBAUM, EDWIN. The Way to Shambhala. A Search for the Mythical Kingdom beyond the Himalayas. New York: Anchor Books, 1980.
- DAVIDSON, RONALD M. Tibetan Renaissance. Tantric Buddhism in the Rebirth of Tibetan Culture. New York: Columbia University Press, 2005.
- DEHN, ULRICH. "Das Feindbild tibetischer Buddhismus," em „ Wenn Eisenvögel fliegen..." Der tibetische Buddhismus und der Westen, eds. Ulrich Dehn and Christian Ruch (Berlin: EZW, 2006), 62-70.
- DONIGER, O'FLAHERTY, WENDY. Hindu Myth. A Sourcebook Translated from the Sanskrit. Harmondsworth: Penguin Books, 1982.
- GYATSO, TENZIN, the 14th DALAI LAMA. "Foreword: Concerning the Kalachakra," in The Wheel of Time. The Kalachakra in Context, eds. Geshe Lhundub Sopa, Roger Jackson and John Newman. Ithaca: Snow Lion Publications, 1991: XI-XIX.
- HAMMAR, URBAN. "Dalai Lama and the Modern Kalachakra Initiations." Conference: Ritual Practices in Indian Religions and Contexts. Lund, 2004. <http://www.teol.lu.se/indiskareligioner/conference04/13996670/panel-2hammer.pdf> (3 de Março de 2009).
- HUNDLEY, HELEN S. "Tibet's Part in the 'Great Game'," History Today 43/10 (1993): 45-50.
- JAGOU, FABIENNE. Le Panchen Lama (1883-1937): Enjeu des relations sino-tibétaines. Paris: École française d'Extreme Orient, 2004.
- KOLLMAR-PAULENZ, KARENINA. "Utopian Thought in Tibetan Buddhism: A Survey of the Sambhala Concept and its Sources," in Studies in Central and East Asian Religions, Vol. 5/6 (1992/93): 78/96

- _____. "Ein mongolisches Wunschgebet um Wiedergeburt in Sambhala," in *Ural-Altäische Jahrbücher, Neue Folge, Band 13* (1994), 158-74.
- _____. "Sambhala, eine tibetisch-buddhistische Utopie," in *Tibetan Studies, Vol. 1*, eds. Helmut Krasser et al. Wien: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 1997: 535-42.
- _____. *Kleine Geschichte Tibets*. München: C.H.Beck, 2006.
- KULESHOV, NIKOLAI S. *Russia's Tibet File*. Dharamsala: Library of Tibetan Works and Archives, 1996.
- MEYER, KARL E. and SHAREEN BLAIR BRYSAK. *Tournament of Shadows. The Great Game and the Race for Empire in Central Asia*. Counterpoint: Washington D.C., 1999.
- MONTGOMERY, ROBERT W. *Late Tsarist and Early Soviet Nationality and Cultural Policy. The Buryats and their Language*. Lewiston: The Edwin Mellen Press, 2005.
- NEWMAN, JOHN R. "The Paramadibuddha (The Kalacakra Mulatantra) and its Relation to the Early Kalacakra Literature," *Indo-Iranian Journal* 30 (1987): 93-102.
- _____. "A Brief History of the Kulachakra," in *The Wheel of Time. The Kalachakra in Context*, eds. Geshe Lhundub Sopa, Roger Jackson and John Newman, Ithaca: Snow Lion Publications, 1991: 51-90.
- _____. "Eschatology in The Wheel of Time Tantra," in *Buddhism in Practice*, ed. Donald S. Lopez, Princetown: Princetown University Press, 1995: 284-89.
- _____. "Islam in the Kalacakra Tantra," *Journal of International Association of Buddhist Studies (JIABS)* 21/2 (1998): 311/-71.
- _____. "The Epoch of the Kalacakra Tantra," *Indo-Iranian Journal* 41 (1998): 319-49.
- NORBU, THUPTEN J. "Dorjiev: Memoirs of a Tibetan Diplomat," *Hokke-bunka kenkyu* 17 (1991): 1-105
- OSTRAVSKAYA, ELENA A. "Buddhism in Saint Petersburg," *Journal of Global Buddhism* 5 (2004): 19-95, <http://www.globalbuddhism.org/toc.html> (10 de Janeiro de 2009).
- SCHLIETER, JENS. "Wer hat Angst vor dem Dalai Lama? Victor und Victoria Trimondis Der Schatten des Dalai Lama (1999) als spiritualistische Verschwörungstheorie," *Transformierte Buddhisten* 01 (2008): 54-81, <http://www.ub.uniheidelberg.de/archiv/8625> (03 de Março de 2009).
- SCHORKOWITZ, DITTMAR. *Staat und Nationalitäten in Russland: Der Integrationsprozess der Bujaten und Kalmücken, 1822-1925*. Stuttgart: Franz Steiner, 2001.
- SHAKYA, TSERING. *The Dragon in the Land of Snows. A History of Modern Tibet Since 1947*. London: Pimlico, 2000.
- SHAUMIAN, TATIANA. *Tibet. The Great Game and Tsarist Russia*. Delhi: Oxford University Press, 2000.
- SNELLING, JOHN. *Buddhism in Russia. The Story of Agvan Dorzhiev, Lhasa's emissary to the Tsar*, Shaftsbury, Rockport, Brisbane: Element, 1993.
- SOPA, GESHE LHUNDUB, ROGER JACKSON and JOHN NEWMAN, eds. *The Wheel of Time. The Kalachakra in Context*. Ithaca: Snow Lion Publications, 1991.
- TRIMONDI, VICTOR and VICTORIA. *Der Schatten des Dalai Lama. Sexualität, Magic und Politik im tibetischen Buddhismus*. Patmos: Düsseldorf, 1999.